

**Dinâmica histórica e sincrónica
do português:
distâncias prosódicas entre variedades
madeirenses e continentais**

HELENA REBELO

(Madeira)

LURDES MOUTINHO

(Aveiro)

ROSA LÍDIA COIMBRA

(Aveiro)

**HISTORICAL AND SYNCHRONIC DYNAMICS
OF PORTUGUESE:
PROSODIC DISTANCES BETWEEN MADEIRAN
AND CONTINENTAL VARIETIES**

The study of Portuguese spoken in the Atlantic island territories of Madeira and the Azores has been developed in various scientific areas. The results of this research are part of the *Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico* (AMPER), which aims to compare the varieties of Romance languages from a prosodic point of view, following its own methodology. The project for the Portuguese language, AMPER-POR, covers European and Brazilian Portuguese. This research is based on historical data about the settlement of

Madeira. The aim is to compare the prosodic distances between two varieties from two continental regions, Minho and Algarve, with the Portuguese spoken in Madeira and Porto Santo.

KEYWORDS: variation, experimental phonetics, prosodic distances, Minho, Algarve, Madeira, Porto Santo

PALAVRAS-CHAVE: variação, fonética experimental, distâncias prosódicas, Minho, Algarve, Madeira, Porto Santo

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E MOTIVAÇÕES

A História é marcada pela passagem do tempo. Aqui, importa-nos ir do século XV aos séculos XX-XXI, olhando para o Oceano Atlântico, mais precisamente para as ilhas hoje identificadas como a Região Autónoma da Madeira (RAM). O território atlântico do arquipélago madeirense nem sempre foi povoado. Os manuais de História são unânimes a esse respeito. Veja-se, a título exemplificativo, o capítulo “A Expansão Atlântica” e, mais precisamente, o subponto “Madeira, Porto Santo e Açores” (SARAIVA, 1986: 385-387) da publicação *História de Portugal* (1245-1640), dirigida por José Hermano Saraiva. É sabido também que o povoamento foi um processo progressivo. A população instalou-se por várias fases, embora não haja dados conclusivos sobre esses movimentos e, por conseguinte, também não haja certezas, incontestáveis, relativas à origem dos povoadores. Olhar para estes territórios do presente, isto é, dos séculos XX e XXI, para os do passado, em especial para os séculos XV e XVI, para compreender como foi o povoamento do território arquipelágico madeirense, não é um exercício histórico fácil, pelo menos no campo da História da Língua. Explicar fenómenos linguísticos, incluindo prosódicos, presentes, tendo em conta um ponto de vista histórico, quando não existem dados concretos que liguem o passado com o presente, leva a tecer hipóteses e a equacionar explicações baseadas em conhecimentos comprovados, mesmo que sejam de outra(s) área(s).

Assim, interligando Linguística e História, levantamos, aqui, a seguinte hipótese: a ilha da Madeira está mais ligada ao Minho e a ilha do Porto Santo mais ao Algarve, devido às fases de povoamento do território arquipelágico madeirense. Vamos testá-la, procurando saber se haverá maior proximidade prosódica entre, por um lado, a ilha do Porto Santo e o Algarve e, por outro, a ilha da Madeira e o Minho. Assim sendo, na base desta pesquisa linguística, centrada numa investigação prosódica, estão as motivações históricas relacionadas com o povoamento deste arquipélago.

Retomam-se, sucintamente, algumas informações históricas que se conhecem. No século XV, entre 1419 e 1421, o arquipélago da Madeira, que era desabitado, foi “descoberto” e, a partir de então, povoado, essencialmente, por portugueses. Maria Lamas, na sua obra *Arquipélago da Madeira: Maravilha Atlântica*, escreve (s/d, 9):

Foi descoberto por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira em 1419 (Porto Santo) e 1420 (Madeira). Compõe-se das ilhas da Madeira, Porto Santo e Desertas. O pequeno grupo das Selvagens pertence também, politicamente, a este arquipélago, embora esteja mais perto das Canárias. A descoberta do arquipélago da Madeira assume especial importância histórica, pois marca o início dos descobrimentos portugueses no século XV.

Logo de seguida explica (s/d, 11):

Entre os povos que teriam passado no arquipélago da Madeira, são também mencionados os normandos, quando navegavam no Atlântico e tocaram em muitas das suas ilhas, e os franceses e espanhóis, que «iam à conquista das Canárias e, na ida ou na volta, deram com a ilha do Porto Santo», onde se não detiveram por ser pequena e despovoada.

João Gonçalves Zarco esteve ao leme, enviado pelo Infante D. Henrique, e conduziu esta descoberta, embora se saiba, hoje, que, naquela altura, as ilhas eram conhecidas, mesmo se continuassem sem população, como evidenciou Maria Lamas e outros autores. A comprovar a sua existência está a sua representação em mapas

antigos, os chamados portulanos (cf., por exemplo, Maria Lamas, s/d, 15, e José Hermano Saraiva, 1986: 385). De onde terão vindo os habitantes? Qual a origem dos primeiros povoadores? Maria Lamas diz apenas: “Vieram homens (...). Povoaram as ilhas. Desbravaram a terra.”, mas não se fica a saber a origem dos povoadores, entre os quais deveria haver mulheres e crianças.

Além da área da História, também a do Turismo faculta alguns dados sobre o território, retomando dados históricos que valida. Um guia turístico, como, por exemplo, *Madère. Açores*, Look, Guides Marcus, em francês, faculta várias informações, sem identificar as fontes (presumimos que o *Elucidário Madeirense* (“Povoamento e Colonização”, 1965: 124-128) possa ser uma delas, devido ao número de 2000 escravos africanos referido), quanto à “Population” (BUSSON, 1995: 5-6):

Lorsqu’elles ont été découvertes au XV^e siècle, toutes ces îles étaient inhabitées. Les habitants des deux archipels, aujourd’hui de nationalité portugaise, ont des origines bien diverses. Aux Portugais, les premiers à s’installer à Madère, se joindront très rapidement des Espagnols, des Italiens et des Hollandais. Puis viendront des Maures et des Juifs chassés d’Espagne et enfin des Noirs venus comme esclaves d’Afrique pour travailler dans les plantations de canne à sucre (on en recensait 2000 au début du XVI^e siècle).

Parece consensual que Portugal, melhor dizendo, o continente português, como seria natural, foi a base geográfica dos primeiros habitantes. Não há consenso sobre as regiões de origem. O Minho¹ terá sido uma das áreas continentais portuguesas de onde terão vindo mais povoadores. Jorge Dias (1952: 179-201) tenta demonstrar a proximidade entre a Madeira e o norte de Portugal, sobretudo com o Minho, reportando-se a alfaias agrícolas, moinhos, música, entre

¹ O programa *Visita Guiada*, da RTP2, de 07-10-2024, é dedicado a Arcos de Valdevez, sendo intitulado a “Revolução do Milho”. Observam-se semelhanças entre os socacos e as levadas do Minho e as da Madeira. Aliás, a cultura do milho está bastante presente na Costa Norte da ilha da Madeira, mantendo-se, por exemplo, com maior relevo em Santana, onde se vêem maçarocas a secar, em certas partes das casas.

outras manifestações. Menciona mesmo semelhanças na linguagem, embora sem especificar a que nível isso se verifica. Citando Orlando Ribeiro, Jorge Dias (1952: 180) refere que: “Embora um quarto das famílias ilustres fosse constituído por estrangeiros [...], a população trabalhadora livre era portuguesa na sua quase totalidade.” A pergunta colocada pelo próprio é clara: “De que região do país provinha? (...) É de crer que um grande número proviesse da província de Entre-Douro-e-Minho, onde muitos senhores da Madeira conservavam os seus solares.” Idêntica relação é delineada por Ernesto Gonçalves (1955: 33-47), encontrando semelhanças, a vários níveis, nomeadamente o cultural, entre essas duas áreas geográficas (Madeira-Minho)². No entanto, não toma uma decisão definitiva, por falta de dados mais aprofundados. Luís de Sousa Melo (1988: 19-34) abordou o tema com dados históricos entre 1539 e 1600: “Totalmente insignificante seria a componente estrangeira não fora a presença espanhola. À Espanha cabe 12,5% da totalidade dos matrimoniados na paróquia da Sé, percentagem apenas excedida pelos distritos de Braga e Viana do Castelo.” No manual *História da Madeira*, coordenado por Alberto Vieira (2001: 33), lê-se um destaque com o título “O Algarve e a Madeira”, com a seguinte legenda de desenho ilustrativo de um texto dedicado ao assunto: “Lagos: foi um dos locais de partida de algumas das mais importantes expedições realizadas em princípios do século XV”. Alberto Vieira indica, como fontes, Jerónimo Dias Leite e Francisco Alcoforado. Há um excerto (2001: 33) que interliga os dois territórios portugueses (Minho e Algarve):

Os registos de casamento da freguesia da Sé (que existem desde 1539) para o período de 1539 a 1600 também o confirmam. Os nubentes de Braga, Viana e Porto representam 50% do total, enquanto os de Faro não ultrapassam os 3%. A análise de todas as freguesias da Ilha, no século XVI, reforça de novo a posição do norte do país, onde se destacam Braga (11%), Viana do Castelo (8,4%).

² A nível religioso, fala-se da semelhança entre o Bom Jesus de Braga e a festa do Senhor Bom Jesus da Ponta Delgada, na Costa Norte da ilha da Madeira.

Pela história do povoamento, os habitantes que vieram morar nas ilhas da Madeira e do Porto Santo, as duas ilhas povoadas do arquipélago, terão vindo, em larga maioria, do continente português, quer do Algarve, quer do Minho. Poder-se-á deduzir que uma ilha recebeu mais habitantes de uma zona do território continental do que de outra? É frequente ouvir dizer que o Algarve³ influenciou, sobretudo, o Porto Santo e que o Minho terá sido a origem geográfica da maioria da população da ilha da Madeira. Para testar esta hipótese, analisam-se, em termos prosódicos, dados de fala recolhidos no arquipélago da Madeira (ilha da Madeira e a do Porto Santo), cuja análise acústica e seus resultados se encontram descritos e comentados seguidamente (parágrafos 2, 3 e 4 deste texto).

2. AMPER: METODOLOGIA

O resultado da investigação que aqui pretendemos apresentar insere-se no âmbito do Atlas Multimédia Prosódico do Espaço Românico (AMPER), que tem como objetivo comparar, do ponto de vista prosódico, as variedades das línguas românicas.

O projeto para a língua portuguesa, denominado AMPER-POR, abarca o português europeu (continental e insular) e o português brasileiro. Na base desta pesquisa, estão também motivações históricas relacionadas com o povoamento do arquipélago acima referido.

Este estudo pretende, assim, comparar em termos prosódicos, dois falares de duas regiões continentais, o Minho e o Algarve, com o português falado na Região Autónoma da Madeira, ou seja, na ilha da Madeira e na ilha do Porto Santo.

Seguindo uma metodologia própria, já descrita em vários artigos publicados (cf. MOUTINHO & COIMBRA, 2010: 96-97; REBELO,

³ A divisão do território madeirense – arquipélago – em “sítios” e “lugares”, porque não há “aldeias” ou “povoações”, foi identificada, por uma informante algarvia, como estando presente no Algarve. Outra semelhança cultural é o presépio em escadinha, que ainda hoje é característico no arquipélago madeirense e está presente no Algarve.

2012: 331-332), este projeto nasceu de uma ideia de Michel Contini e Antonio Romano (ROMANO, CONTINI & LAI, 2014: 27-51).

Para que seja possível uma comparação em termos prosódicos, foram feitas gravações em pontos de inquérito diversos, com um informante masculino e outro feminino para cada um dos pontos. Estes informantes são todos maiores de 40 anos, com escolaridade básica, sendo originários e tendo habitado desde a infância no respetivo lugar onde foi efetuada a recolha.

Com o mesmo objetivo de estabelecer comparações, os enunciados têm todos as mesmas estruturas (SUJ – V – COMPL) e contemplam as três acentuações lexicais que ocorrem na língua portuguesa, tanto no sujeito, como no complemento. As modalidades em análise incluem a declarativa e a interrogativa global. Finalmente, as produções são induzidas através de imagens e gravadas *in loco*.

O sinal acústico foi segmentado nos enunciados individuais, procedendo-se, seguidamente, à análise acústica dos segmentos vocálicos em ambiente Praat (BOERSMA & WEENINK, 2019) ou MatLabTM (ROMANO *et al.*, 2014). Após essa tarefa, recorrendo a *scripts* desenvolvidos para o projeto, é feita a extração automática dos valores de F0 (Hz), energia (db) e duração (ms), guardados em ficheiros com formato texto (.txt).

3. CORPORA: PONTOS DE INQUÉRITO NA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA E NO CONTINENTE

Na figura 1, estão assinalados os oito pontos de recolha do *corpus* que será objeto da presente pesquisa.

Como se pode observar, foram realizadas recolhas em Portugal continental, nas regiões do Minho (localidades de Moledo e Vila Verde) e Algarve (localidades de Vila do Bispo e Monte Gordo). No arquipélago da Madeira, as gravações foram feitas nas ilhas da Madeira (localidades de Calheta e de Santa Maria Maior) e do Porto Santo (localidades de Campo de Baixo e Camacha).

Em cada ponto de inquérito, foram gravados um homem e uma mulher, daqui resultando em 132 ficheiros txt por informante, num total de 2112 ficheiros, incluindo um total de 21120 vogais analisadas.

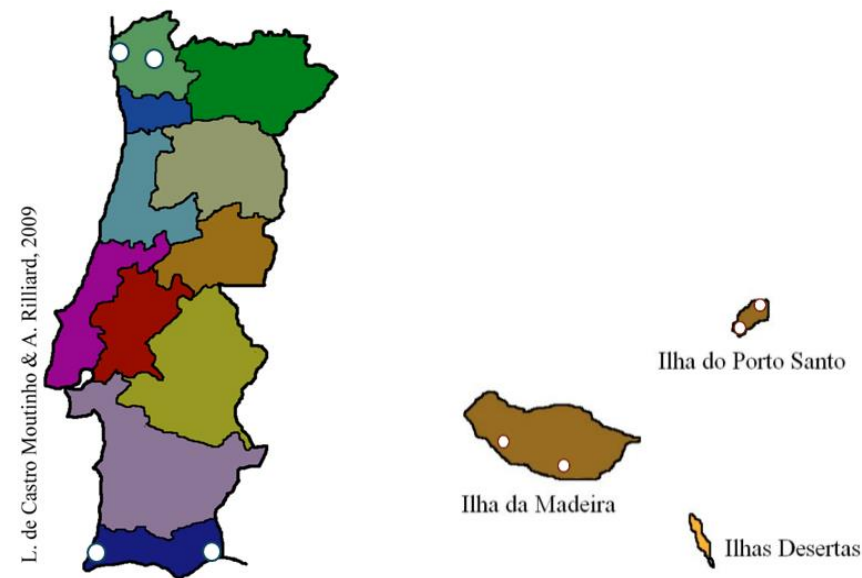


Figura 1 – Localização dos pontos onde foram efetuadas as gravações

As estruturas frásicas contempladas são as que se apresentam na tabela seguinte:

Acent. SUJ	Acent. COMPL	Código AMPER	Frases
oxítono	proparoxítono	kwp	O capataz toca no pássaro./? O capataz gosta da música./?
proparoxítono	oxítono	pwk	O pássaro toca no capataz./? A música fala do capataz./?
proparoxítono	paroxítono	pwt	O pássaro toca no Toneca./? A música fala do fadista./?
paroxítono	proparoxítono	twp	O Toneca gosta do pássaro./? O fadista gosta do pássaro./?

Tabela 1 – Estruturas em análise

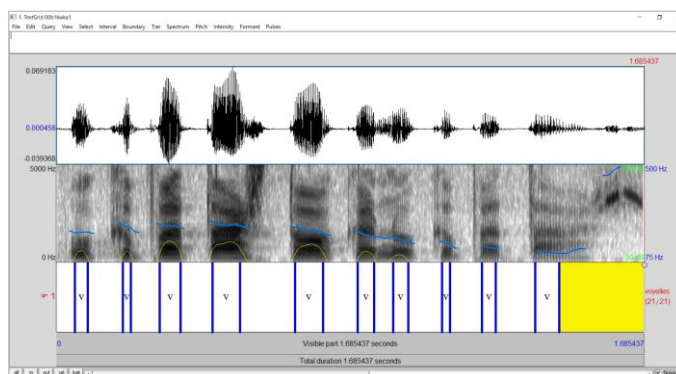
Como se pode constatar na tabela 1, todos os enunciados para o PE continental e insular têm a mesma estrutura, embora o material lexical tenha sido adaptado a cada uma das realidades.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Exemplo de análise

Todos os enunciados analisados, como atrás documentado (tabela 1), são constituídos por 10 vogais, embora o *corpus* total do projeto também contemple estruturas com 13 e com 14 vogais.

Seguidamente, apresenta-se um exemplo de uma análise em Praat e o ficheiro txt dela resultante com os valores de energia, duração e F0 de cada uma das vogais etiquetadas. Este ficheiro texto resulta da aplicação de um *script* que automaticamente extrai esses mesmos valores.



```
c:\AMPER\scriptAMPER\00blkwkal.txt      size: 28849
30-Jan-2022

      duration [ms]      energy [dB]      fo1 fo2 fo3
[Hz]
1           70           55      189 193 191
2           21           58      235 229 220
3           33           59      231 224 216
4           97           61      231 227 215
5          114           64      229 257 289
6           51           54      229 203 189
7           50           52      184 180 166
8           30           51      173 159 143
9           39           50      149 146 134
10          65           47      129 127 129

values at:
997 1554 2111 4630 4800 4970 6714 6980 7246 8942 9717 10492 13714 14622
15530 17516 17928 18340 18994 19394 19793 21319 21561 21804 23305 23620
23935 25776 26297 26818
```

Figura 2 – Análise do sinal acústico em Praat (em cima) e ficheiro txt com os resultados da análise (em baixo)

4.2. Dialectometria e distâncias prosódicas

Para o cálculo das distâncias prosódicas são utilizadas técnicas de análise dialectométrica com base nos dados reunidos nos ficheiros txt. Os cálculos permitem identificar diferenças e semelhanças entre variedades linguísticas, além de possibilitarem a visualização da distribuição geográfica dessas características.

A representação dessas distâncias pode ser feita de várias formas. Aqui, nós optámos pela construção de dendogramas, utilizando uma interface AMPER, criada em ambiente MatLab especificamente para o projeto, já empregue em estudos anteriores (veja-se, por exemplo, MOUTINHO *et al*, 2015).

Primeiramente, são calculadas medidas de distância dialectométrica entre as diferentes variedades linguísticas consideradas. Os dados obtidos são, então, submetidos a uma análise de *clusters*, procedendo ao agrupamento das variedades de acordo com as semelhanças que apresentem entre si. Por fim, os resultados são representados graficamente sob a forma de dendogramas, que ilustram a hierarquia de agrupamentos e as relações entre as variedades estudadas.

As representações que se seguem permitem observar a proximidade/o afastamento das seguintes variedades: variedades do Continente (gráfico 1), variedades do arquipélago da Madeira (gráfico 2), variedades deste arquipélago vs. Algarve (gráfico 3), variedades desse mesmo arquipélago vs. Minho (gráfico 4) e, por fim, todas as variedades consideradas neste estudo (gráfico 5).

Ao observar o gráfico 1, verificamos que a maior proximidade se verifica entre os dois pontos algarvios, Monte Gordo e Vila do Bispo, enquanto o maior afastamento é o estabelecido entre os pontos algarvios e o ponto minhoto de Moledo. Já o ponto minhoto de Vila Verde apresenta uma distância intermédia entre os pontos algarvios e o restante ponto minhoto. Os dados apontam, portanto, para uma maior consistência prosódica entre as variedades algarvias do que entre as minhotas.

Os resultados relativos aos pontos do arquipélago da Madeira entre si estão representados no gráfico 2, abaixo.

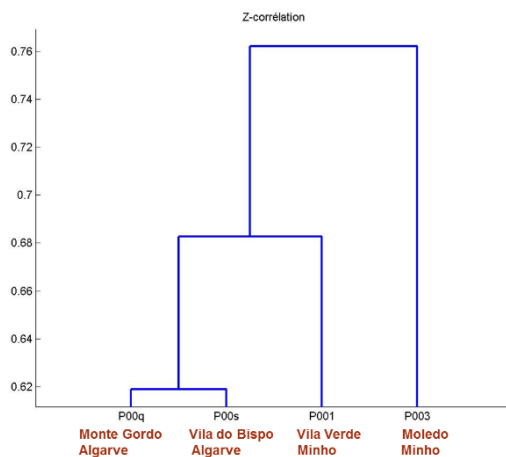


Gráfico 1 – Representação das distâncias para as variedades do Continente

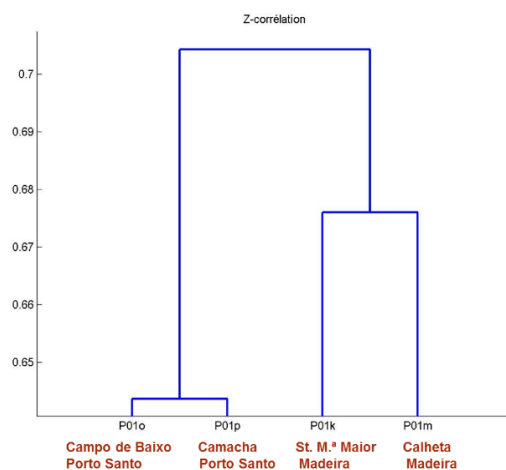


Gráfico 2 – Representação das distâncias para as variedades do arquipélago da Madeira

Neste gráfico, verifica-se a formação de dois *clusters* bem definidos, agrupando, por um lado, os dois pontos porto-santenses (Campo de Baixo e Camacha) e, por outro, os dois pontos da ilha da Madeira (St. M.ª Maior e Calheta). Os pontos porto-santenses apresentam uma distância mais próxima entre si do que os pontos que constituem o *cluster* da ilha da Madeira. Os dados apontam para uma

maior proximidade prosódica entre as variedades pertencentes à mesma ilha, destacando-se a ilha do Porto Santo.

No gráfico 3, representam-se as medidas obtidas para o arquipélago da Madeira vs. Algarve.

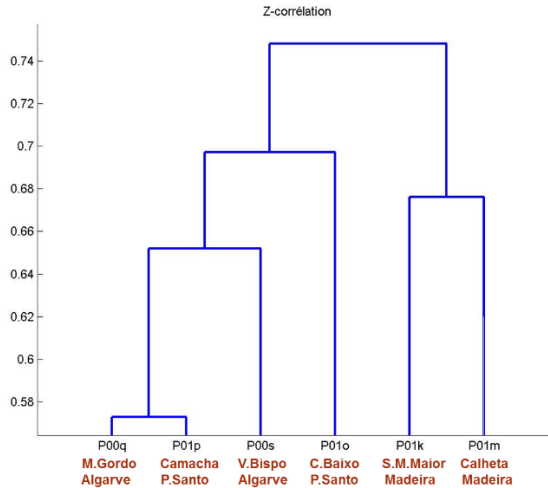


Gráfico 3 – Representação das distâncias para as variedades do arquipélago da Madeira vs. Algarve

Da sua observação, verificamos a formação de dois grandes *clusters*, agrupando, por um lado, as duas variedades da ilha da Madeira e, por outro, os restantes pontos, quer algarvios, quer porto-santenses. Evidencia-se maior proximidade prosódica entre Algarve e Porto Santo do que entre Algarve e ilha da Madeira. Se considerarmos os pontos de inquérito, constatamos que a maior proximidade se verifica entre Monte Gordo (Algarve) e Camacha (Porto Santo). Os dados apontam, portanto, para uma maior semelhança prosódica entre porto-santenses e algarvios do que entre porto-santenses e madeirenses. Assim, neste agrupamento de dados, excetuando o *cluster* referente à ilha da Madeira, as distâncias prosódicas não apresentam uma correlação com as distâncias geográficas.

Considerando os dados relativos ao arquipélago da Madeira vs. Minho, obtivemos o dendrograma constante do gráfico 4.

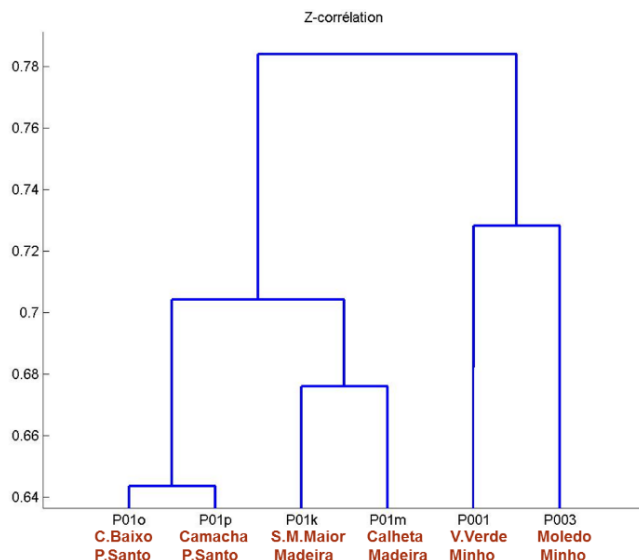


Gráfico 4 – Representação das distâncias para as variedades do arquipélago da Madeira vs. Minho

Neste gráfico, verifica-se a formação de dois grandes *clusters*, agrupando, por um lado, as duas variedades do Minho e, por outro, as variedades madeirenses. Dentro do *cluster* madeirense, novamente se destacam dois *clusters*, agrupando os pontos de acordo com a ilha a que pertencem. Neste agrupamento de dados, as distâncias prosódicas apresentam uma correlação com as distâncias geográficas.

Finalmente, decidimos agrupar todo o *corpus* da presente pesquisa (Continente e arquipélago da Madeira), tendo daí resultado o gráfico 5.

Reparemos que, neste gráfico, fica evidente que o ponto minhoto de Moledo surge isolado, podendo ser admitida a hipótese de se tratar de uma idiossincrasia, a verificar posteriormente com um maior número de locutores.

Apesar de os dois pontos da ilha da Madeira formarem um *cluster*, a grande proximidade verifica-se entre a variedade algarvia de Monte Gordo e a variedade porto-santense da Camacha.

Deste modo, os dados mostram que as distâncias prosódicas podem ou não estar correlacionadas com uma proximidade geográfica.

Quando esta não se verifica, podem ser equacionados fatores históricos relacionados com movimentos populacionais passados, como os referidos na primeira parte da nossa pesquisa.

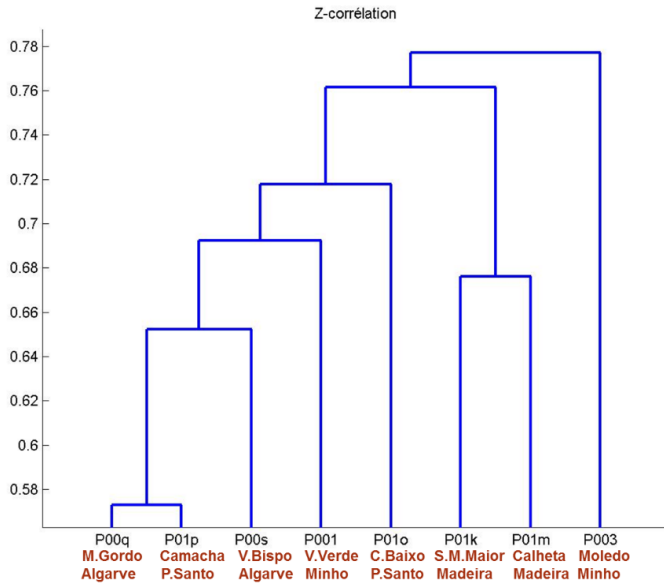


Gráfico 5 – Representação das distâncias para todas as variedades estudadas

NOTAS CONCLUSIVAS

A dialectometria geoprosódica é uma poderosa ferramenta para analisar a variação linguística. Quando aplicada, permite corroborar dados testados, através de hipótese que se vão equacionando. É o caso no nosso presente trabalho. Retomando a hipótese de partida, os nossos dados apontam para a confirmação de uma proximidade prosódica entre a ilha do Porto Santo e o Algarve. Através de gravações realizadas entre finais do século XX e princípios do XXI,

podemos estudar o falar de populações em regiões distantes e estabelecer relações entre elas. Assim, o facto de os materiais prosódicos analisados possibilitarem estabelecer uma proximidade entre a prosódia porto-santense e a algarvia, consolida a hipótese pré-definida. O mesmo, porém, não se pode dizer relativamente à ilha da Madeira e ao Minho, já que os resultados obtidos não foram conclusivos. Portanto, este estudo é um contributo para a investigação linguística no âmbito da prosódia e estabelece uma pista para entender a dinâmica histórica e sincrónica do português, por meio das distâncias prosódicas entre variedades madeirenses e continentais. Este é apenas um primeiro trabalho, necessitando de alargar a comparação de dados a outros pontos de inquérito.

Seguindo estas hipóteses linguístico-históricas baseadas no povoamento das ilhas, com base em movimentos de povoadores, seria interessante aprofundar esta ideia com um número maior de informantes e de pontos de inquérito, quer do continente, quer do arquipélago madeirense. Ainda não podemos responder cabalmente à pergunta colocada: De onde terão vindo os povoadores portugueses da, hoje, Região Autónoma da Madeira? Atestamos uma elevada proximidade entre os dados prosódicos dos informantes algarvios com os porto-santenses, o que não foi tão claro para a relação prosódica entre os dados analisados para a ilha da Madeira e a ilha do Porto Santo. A investigação terá de prosseguir, mantendo um ponto de vista comparativo, com análise dos dados prosódicos regionais recolhidos. A investigação deverá continuar, de modo a que seja possível melhor esclarecer estes movimentos de povoadores que transportam consigo as marcas linguísticas de onde são oriundos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOERSMA, Paul; WEENINK, David (2019): *Praat: doing phonetics by computer*. Instituto de Ciências Fonéticas de Amsterdão. Disponível em: <http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: 14 ago. 2019.
- BUSSON, Yvon (1995): *Madère. Açores*. Voyages Look, Guides Marcus, Paris, Editions Marcus.

- DIAS, Jorge (1952): Nótulas de Etnografia Madeirense. Contribuição para o Estudo das Origens Étnico-Culturais da População da Ilha da Madeira. In *Biblos*, XXVIII, 179-201.
- GONÇALVES, Ernesto (1955): No Minho, ao Sol de Verão. In *Das Artes e da História da Madeira*, n.º 21, vol. IV, n.º 3, 33-47.
- MELO, Luís de Sousa (1988): O Problema da Origem Geográfica do Povoamento. In *Isleña*, n.º 3, Funchal, DRAC, 19-34.
- MOUTINHO, Lurdes; COIMBRA, Rosa Lídia (2010): Variação entoacional no português europeu no âmbito do AMPER-POR. In *Revista Intercâmbio*, n.º 22, 95-105
- MOUTINHO, Lurdes; COIMBRA, Rosa Lídia; BERNARDES, Maria Clara Rolão (2015): Sul de Portugal continental e Açores: Distância geográfica também distância prosódica?. In: MOUTINHO, Lurdes de Castro; COIMBRA, Rosa Lídia Coimbra; FERNÁNDEZ REI, Elisa. *Estudos em variação geoprosódica*, Aveiro, UA Editora, 111-121.
- MOUTINHO, Lurdes; COIMBRA, Rosa Lídia; RILLIARD, Albert; ROMANO, Antonio, (2011): Mesure de la Variation Prosodique Diatopique en Portugais Européen. In *Estúdios de Fonética Experimental*, vol XX, (ISSN 1575-5533), 34-55.
- REBELO, Helena (2013): O Arquipélago da Madeira, Região Europeia, e o AMPER, Projecto Transeuropeu. Uma Amostra da Prosódia Feminina Madeirense. In *Revista da Universidade de Aveiro-Letras, RUA-L*, n.º 1, II.ª série, 321-347.
- REI, Elisa Fernández; MOUTINHO, Lurdes de Castro; COIMBRA, Rosa Lídia (2014): As entoacións galega e portuguesa: a fronteira á luz da dialectometría e da percepción. In *Lingua e identidade na fronteira galego-portuguesa*, ed. SOUSA, Xulio; NEGRO ROMERO, Marta; ÁLVAREZ, Rosario, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, 115-141.
- ROMANO, Antonio; CONTINI, Michel; LAI, Jean-Pierre (2014): L'Atlas Multimédia Prosodique de l'Espace Roman: uno strumento per lo studio della variazione geoprosodica. In TOSQUES, Fabio (ed.), *20 Jahre digitale Sprachgeographie*, Berlin, Humboldt Universität-Institut für Romanistik, 27-51.
- ROMANO, Antonio; CONTINI, Michel; LAI, Jean-Pierre; RILLIARD, Albert (2011): Distancias prosódicas entre variedades románicas en el marco del proyecto AMPER. In *Revista internacional de lingüística ibero-americana*, 17, 13-26.

SARAIVA, José Hermano (1986): *A Expansão Atlântica: Madeira, Porto Santo e Açores*. In *História de Portugal (1245-1640)*, Alfa, Lisboa, 385-387.

VIEIRA, Alberto (coord.) (2001): *História da Madeira*, Funchal, Secretaria Regional de Educação.

Helena Rebelo

CLLC, UA

**Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas,
Campus Universitário da Penteadá, Universidade
da Madeira**

9020-105 Funchal, Portugal

mhrebelo@staff.uma.pt

Lurdes Moutinho

CLLC, UA

Departamento de Línguas e Culturas

Universidade de Aveiro

3810-193 Aveiro, Portugal

lmoutinho@ua.pt

Rosa Lúdia Coimbra

CLLC, UA

Departamento de Línguas e Culturas

Universidade de Aveiro

3810-193 Aveiro, Portugal

rlcoimbra@ua.pt